

Os presidentes do Senado e da Câmara pregam o fortalecimento do Legislativo. Fala-se até que o PDS vai exigir do governo explicações para a crise.

Um novo tempo para o Congresso?

Tanto o novo presidente do Senado, Nilo Coelho, como o novo presidente da Câmara, Flávio Marcílio, defenderam a reforma da Constituição como o principal objetivo do Congresso, ao assumirem ontem seus cargos. Nilo Coelho afirmou, também, que a normalidade institucional pressupõe o fim da confrontação política, com o retorno à prática democrática. E, para Flávio Marcílio, o fortalecimento do Poder Legislativo é "indispensável a uma democracia forte" e "controlador do arbítrio do Executivo".

Nilo Coelho (PDS-PE) foi eleito por unanimidade pelos 58 parlamentares presentes à sessão preparatória realizada a partir das dez horas de ontem, para a escolha da nova Mesa do Senado. Marcílio foi eleito com 358 votos dos 440 deputados presentes, numa sessão fria e sem nenhuma surpresa, contrastando com a festa da posse no dia anterior.

— Estou consciente de que assumo a presidência do Senado Federal num dos momentos cruciais da nacionalidade — disse Nilo Coelho, em seu discurso de posse. — A 47ª Legislatura se inicia sob o signo de crise sem precedentes. Para enfrentá-la e vencê-la, o Poder Legislativo deve aproveitar a força renovadora que hauriu no último pleito e, ao realizar uma revolução de comportamento e alimentar um permanente e aceso debate de todos os problemas, promovendo um diálogo capaz de influir nas decisões dos rumos definidores do destino do País. O bem comum, que nos cabe promover, exige a fertilidade do diálogo, da negociação do entendimento. Não há barreiras políticas insuperáveis, quando se trata de atender aos anseios do povo e aos interesses do País.

Ele concluiu seu discurso dizendo esperar "de todos não apenas o apoio passivo, mas a colaboração constante, construtiva e até apaixonada dos eminentes companheiros".

Ministros

Momentos antes de ser eleito presidente do Senado, Nilo Coelho disse que o PDS tomará a iniciativa de convocar os ministros e demais autoridades da área econômico-financeira para a prestação de esclarecimentos e debate sobre alterações no atual modelo, por ele considerado "desatualizado, tantos anos depois da Revolução de 64". Segundo ele, os problemas ligados à defasagem do modelo econômico "não são do PDS, mas de todo o País e principalmente dos mais pobres, em situação cada vez mais crítica".

— Na democracia, estas questões têm que ser consideradas de frente, não há mais clima para o País ser conduzido por dois ou três tecnocratas.

O novo presidente do Senado observou que "um metro do metrô de São Paulo custava 30 milhões de cruzeiros, em média, em agosto de 1982", e que, com a mesma quantia, seria possível fazer obras para garantir o abastecimento de água a 15 mil pessoas no interior do Nordeste.

— Não é possível que brasileiros não tenham sequer água para beber, pela simples razão de que faltam recursos para a perenização de rios da região Nordeste, enquanto obras caríssimas, como a Transamazônica, a Ferrovia do Aço e os metrô do Rio e de São Paulo mereçam prioridade, quando, em verdade, não são obras prioritárias sob o ponto de vista social.

A Mesa

Nilo Coelho assumiu seu novo posto às 10h30 e presidiu — depois de seu discurso — a eleição dos demais membros da Mesa, que ficou assim constituída: 1º vice-presidente, Moacir Dalla (PDS-ES); 2º vice-presidente, Jaison Barreto (PMDB-SC); 1º secretário, Henrique Santillo (PMDB-GO); 2º secretário, Lenoir Vargas (PDS-SC); 3º secretário, Milton Cabral (PDS-PR); 4º secretário, Raimundo Parente (PDS-AM), todos eleitos com 29 votos. Para suplentes foram escolhidos os senadores Marcelo Miranda (PMDB-MS), Odair Soares (PDS-RO), Almir Pinto (PDS-CE) e Martins Filho (PDS-RN).

Antes de encerrar a sessão, Nilo Coelho

anunciou que o PDS e o PMDB já indicaram seus líderes — Aloísio Chaves e Humberto Lucena. Foi também convocada para as 15 horas do dia 1º de março a sessão solene de reabertura do Congresso.

Marcílio

O novo presidente da Câmara, deputado Flávio Marcílio, prometeu "servir a esta Casa acima dos interesses pessoais, indiferente às críticas que não constroem, mas convicto de estar contribuindo para que, afinal, se reconheça ser o Legislativo a maior das criações dentre as instituições liberais e que suas prerrogativas estão acima de quaisquer outras, derivadas que são, diretamente, da soberania do povo, a verdadeira fonte da emanção e legitimidade do poder".

— É uma linha de ação, como tenho afirmado, que se consubstancia na prevalência do reconhecimento e aceitação do maravilhoso ensinamento contido no Evangelho de São Mateus: "Ninguém pode servir a dois senhores; porque, ou há de odiar a um e amar o outro, ou há de afeiçoar-se a um e desprezar o outro. Não podeis servir a Deus e à riqueza". Continuam, assim, válidos os meus propósitos. Os resultados vão depender da ajuda, da contribuição de cada um dos senhores, parlamentares pertencentes aos diferentes partidos, porta-vozes de seu programa, de seu eleitorado, das suas tendências, das suas aspirações e opiniões, todos voltados ao serviço da instituição.

Maluf e Juruna

O cacique Mário Juruna, do PDT do Rio, foi o único a provocar uma ligeira movimentação no plenário, ao ser cercado pelos fotógrafos e cinegrafistas durante a votação.

Os demais votaram anonimamente, inclusive o ex-governador Paulo Maluf. Fora do plenário, Maluf disse a um jornalista que Marcílio lhe devia aquela vitória, porque estava articulando a sua volta à presidência da Câmara há dois anos.

Os demais cargos da Mesa foram preenchidos sem nenhuma surpresa, com a eleição dos deputados indicados pelas respectivas bancadas. O 1º vice-presidente, deputado Paulino Cícero (PDS-MG), recebeu 412 votos e 28 em branco; o 2º vice-presidente, deputado Walber Guimarães (PMDB-PR), 381 e 59 em branco; o 1º secretário, Fernando Lyra (PMDB-PE), 381 votos e 59 em branco; o 2º secretário, Ary Kfury (PDS-PR), 415 votos e 25 em branco; o 3º secretário, Francisco Studart (PDT-RS), 390 votos e 50 em branco. Foram eleitos ainda suplentes da Mesa os deputados Osmar Leitão (PDS-RJ), Carneiro Arnaud (PMDB-PB), José Eudes (PT-RJ) e Antônio Moraes (PMDB-CE).

A sessão foi tranqüila e sem a candidatura dissidente do deputado Haroldo Sanford (PDS-CE), que havia anunciado na véspera disputar em plenário com Flávio Marcílio.

Sanford foi ao plenário, votou rapidamente e ficou circulando nos corredores, abraçando os deputados. "Fica para a próxima", era a frase que ele mais repetia.

Os oitenta votos que ele dizia ter na bancada foram confirmados com a constatação de 76 votos em branco e seis nulos, um deles dado ao deputado Herbert Levy (PDS-SP), o principal opositor à candidatura Flávio Marcílio.

"Nova fase"

Para o secretário-geral da CNBB, dom Luciano Mendes de Almeida, prevê-se uma "nova fase para a Legislatura nacional, não só pela presença de deputados e senadores que ocupam pela primeira vez seus cargos, mas pelas modificações de lideranças e proporções partidárias".

— É indispensável que, acima de todo compromisso menor, os representantes do povo busquem o bem comum, principalmente num momento em que as classes desfavorecidas requerem medidas urgentes que promovam condições de vida dignas através da oportunidade de trabalho e de salários justos.



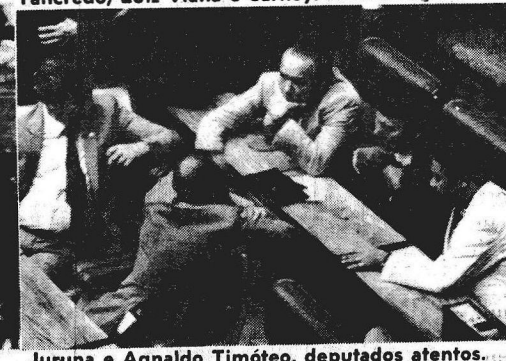
Flávio Marcílio e Nilo Coelho: o mesmo objetivo no comando da Câmara e do Senado.



Nilo Coelho, assumindo a presidência do Senado.



Tancredo, Luiz Viana e Sarney: descontração.



Juruna e Agnaldo Timóteo, deputados atentos.